



Trabalho docente e seus sentidos no ensino superior: contribuições de uma revisão de literatura

*Teaching work and your senses in higher education:
contributions of a literature review*



Submetido em 01.12.15 | Aceito em 31.05.16 | Disponível on-line em 20.09.17

Melissa Cordeiro Torres Galindo*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco | * melissa.galindo@hotmail.com

Marcizo Veimar Cordeiro Viana Filho

Faculdade do Maciço do Baturité

Roberta da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Regina Heloísa Mattei de Oliveira Maciel, Tereza Gláucia Rocha Matos

Universidade de Fortaleza

RESUMO

O objetivo desse artigo foi analisar as pesquisas sobre sentidos/significados do trabalho para professores de Ensino Superior no Brasil, no período de 2004 a 2014. Após a análise de conteúdo (Bardin, 2011), foram identificadas, apresentadas e discutidas quatro categorias temáticas: fatores que dão sentido ao trabalho docente no Ensino Superior; fatores que tornam sem sentido o trabalho docente no ensino superior; mudanças de sentido do trabalho docente no ensino superior; questões de gênero e raça associadas aos sentidos do trabalho docente superior.

Palavras-chaves: Docentes; Ensino Superior; Sentidos do trabalho; Revisão de Literatura.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the research about senses / meanings of work for higher education teachers in Brazil, from 2004 to 2014. After the content analysis (Bardin, 2011) have been identified, presented and discussed four thematic categories: factors that give meaning to teaching in higher education; factors that make meaningless the teaching work in higher education; direction changes of teaching in higher education; gender and race issues associated with higher teaching senses.

Keywords: Higher education; literature review; senses of work; Teachers.

1.Introdução

A discussão sobre os sentidos do trabalho precisa ser contextualizada, entre outros, no âmbito da reestruturação produtiva do capital (Antunes, 2003; 2009). De acordo com Antunes (2009), a classe-que-vive-do-trabalho, a classe trabalhadora, hoje inclui a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, não se restringindo, portanto, ao trabalho manual direto, mas incorporando a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo assalariado. Dessa forma, compreender a classe trabalhadora, como

categoria explicativa, permite reconhecer que o mundo do trabalho vem sofrendo importantes mutações.

Ainda de acordo com Antunes (2009), dentre as metamorfoses no interior do mundo do trabalho, observa-se a divisão sexual do trabalho. De um lado, as atividades de concepção ou baseadas em capital intensivo, preenchidas pelo trabalho masculino, do outro, aquelas dotadas de menor qualificação, mais elementares e muitas vezes fundadas em trabalho intensivo que são destinadas às mulheres trabalhadoras e grupos minoritários (imigrantes, negros/as).

Tardif (2012), ao fazer uma análise sobre o mundo do trabalho, destaca quatro aspectos essenciais à discussão sobre trabalho. O primeiro é que a categoria de trabalhadores produtores de bens materiais está em queda livre em todas as sociedades modernas avançadas; o segundo é que, nas sociedades dos serviços, grupos de profissionais, cientistas e técnicos ocupam progressivamente posições nas relações de trabalho; depois, que o advento de novas atividades trabalhistas está relacionado historicamente às profissões e os profissionais que são representantes típicos dos novos grupos de especialistas na gestão dos problemas econômicos e sociais com o auxílio de conhecimentos fornecidos pelas ciências naturais e sociais e, por fim, o crescente status de que gozam, na organização socioeconômica e nas sociedades modernas avançadas, as profissões que tem serem humanos como “objeto do trabalho”. Em outras palavras, o advento do *trabalho interativo* (Tardif, 2012), cuja característica essencial é colocar em relação, no quadro de uma organização, um trabalhador e um ser humano que se utiliza de seus serviços.

Ainda sobre o mundo do trabalho, é importante salientar que determinadas características do mundo contemporâneo provocaram modificações nas organizações de trabalho, causando, cada dia mais, sofrimento aos trabalhadores (Tolfo & Piccinini, 2007). Dentre elas, a globalização e os avanços tecnológicos, que tornam mais forte a interação de capitais, mercadorias, pessoas, ideias, valores, imagens, criminalidade, doenças, informações e conhecimentos (Marsella, 1998).

No contexto atual da globalização, observa-se a reestruturação produtiva e precarização do trabalho, as relações entre as pessoas passam a se basear ainda mais na exploração, pautando-se nos princípios de competitividade, individualismo e acumulação de

riquezas (Boff, 2000a, 2000b). Cabe ressaltar, que a referida competitividade pode ocorrer entre países, entre empresas e entre trabalhadores (Tolfo & Piccinini, 2007). No que se refere a essas mudanças socioeconômicas, as pessoas são obrigadas a se adaptarem à nova ordem, acompanhando o ritmo acelerado em que ocorrem mudanças, vivenciando, constantemente, ambientes competitivos e individualistas e empreendendo um constante esforço ativo que pode ocasionar sofrimento ao trabalhador.

As inovações e novas organizações de trabalho, oriundas das características das mudanças acima mencionadas, geraram novas formas de sofrimento, especialmente, do ponto de vista psíquico (Lancman & Sznelwar, 2004). Nesse atual cenário do mundo, perpassado pela intensa competitividade, globalização, desenvolvimento acelerado da tecnologia, rapidez das informações, cargas de trabalho cada vez maiores e elevado nível de exigências sobre os trabalhadores, surgem duas grandes preocupações: a preservação da qualidade de vida e da integridade física e mental do trabalhador e, por consequência, as perdas de produtividade e desempenho sofridas pelas instituições, em função dos problemas de saúde enfrentados pelos seus trabalhadores.

Apesar das questões levantadas abarcarem, de forma geral, a todos os tipos de trabalhadores, há variações qualitativas e quantitativas, quanto aos tipos e níveis de sofrimento acarretados em decorrência do exercício profissional. Tais variações ocorrem devido às peculiaridades de cada profissão e ao tipo de trabalho executado pelo indivíduo, considerando que, determinadas profissões, atividades laborais e/ou locais de trabalho podem oferecer maiores riscos, pressões e adversidades, se comparados a outros.

O trabalho docente é um exemplo contundente das mudanças no mundo do trabalho.

Além da globalização, pode ser mencionada a precarização do trabalho docente, baseada na racionalização do tempo, redução de postos de trabalho, exigências de maior produtividade, qualificação, versatilidade, acompanhados da perda de direitos trabalhistas (Coutinho, Dal Magro & Budde, 2011). No caso do professor, Lemos (2011, 2014) observa que, além da ausência de devida valorização profissional, as pressões institucionais por resultados e desrespeito por parte dos alunos, somados aos baixos salários e às condições físicas de trabalho inadequadas, negociação da produção acadêmica com a iniciativa privada, dentre outros aspectos intensificam o processo de precarização e alienação do trabalho docente.

Especificamente no cenário da educação superior, aspectos ocorridos nos últimos anos fizeram com que a organização do trabalho docente no referido nível educacional passasse por transformações (Dias Sobrinho, 2010; Severino, 2008). E, no contexto dessas transformações, a forma como os professores do ensino superior vêm atribuindo sentido ao seu trabalho também mudou.

Como exemplo das mudanças estruturais acima mencionadas, destaca-se: as alterações na legislação para o Ensino Superior (a implantação da Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004); as novas formas de acesso ao Ensino Superior (PROUNI, REUNI e UAB); o perfil do aluno do ensino superior: o “novo aluno”; a cobrança por produtividade intelectual; o exercício da docência e suas funções de magistério deixou de ser o único critério de qualidade do trabalho docente no ensino superior (Dias Sobrinho, 2010; Severino, 2008).

Essas transformações tiveram origem na passagem do século XX para o século XXI, momento de profundas alterações na estrutura social, destacando-se a reestruturação produtiva (Antunes, 2003, 2009). Esse fenômeno alterou

significativamente as relações de trabalho. No âmbito do Ensino Superior no Brasil, as discussões sobre o acesso, a qualidade e o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) deram o tom aos discursos.

As mudanças nas relações de trabalho forçaram a adaptação do Ensino Superior às novas demandas de mercado. Parte desse ajuste foi regulada principalmente pelo Ministério da Educação (MEC). No nível da graduação, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) consolidou seu papel de avaliação e regulação das IES e a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) ficou à frente dos processos de financiamento e avaliação de programas de pós-graduação *stricto sensu*, tornando-se mais uma das várias agências reguladoras.

- Nesse ínterim, os quatro aspectos elencados acima precisam de uma breve exposição. O primeiro refere-se às mudanças na legislação. Um exemplo contundente foi a implantação da Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, que instituiu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e os seus desdobramentos jurídicos, promovendo profundas alterações no trabalho docente, a partir dos processos de avaliação e regulação instituídos pelo SINAES (Dias Sobrinho, 2006).
- O segundo aspecto refere-se às formas de acesso ao Ensino Superior através de programas, como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Essas ações tiveram como eixo e objetivo principal o acesso à

graduação e expansão da educação superior (Severino, 2008).

- Um terceiro aspecto que merece atenção é que, com as mudanças nas relações de trabalho (Antunes, 2003), em sintonia com as formas de acesso, o perfil do aluno do ensino superior também passou por mudanças. Assim, a organização do trabalho docente teve de dialogar com esse “novo aluno” da graduação. O novo perfil de discente é proveniente de diversas camadas populares e matrizes culturais distintas.
- O quarto aspecto refere-se à cobrança por produtividade intelectual (Lemos, 2014). Nessa conjuntura, o exercício da docência/função de magistério deixou de ser o único critério de qualidade do trabalho docente no ensino superior. As produções científicas (publicações, participações em congressos, simpósios, dentre outras), culturais, artísticas e tecnológicas foram incorporadas à atividade docente. Isso pode ser observado nos instrumentos de avaliação para autorização e reconhecimento de cursos de graduação, o que institucionalizou a produção científica como critério de análise para as IES.
- Conforme já mencionado, as mudanças na legislação, a implementação e implantação de programas de acesso à educação e graduação, o novo perfil discente e a institucionalização da lógica da produtividade intelectual fizeram com que a organização do trabalho docente no ensino superior passasse por transformações. No contexto dessas metamorfoses, a forma como os professores do Ensino

Superior vêm atribuindo sentido ao seu trabalho também mudou.

1.1 Sentidos do Trabalho

As discussões acerca das definições de sentido e significados ainda estão longe de um consenso. Ambos os conceitos são formulados por diversas matrizes epistêmicas. Não obstante, seu esclarecimento torna-se condição necessária para a inteligibilidade das pesquisas sobre o tema, pois na relação de comunicação quando o conceito não está claro e preciso para os interlocutores, corre-se o risco de alimentar um debate infrutífero. Nessa perspectiva, antes de avançar no texto, faz-se necessário uma breve reflexão sobre a relação entre os conceitos de sentido e significado na literatura.

Em geral, encontram-se duas linhas de abordagem sobre essa relação. A primeira compreende que sentido e significado são a mesma coisa, não havendo diferenciação entre ambos. De acordo com Borges (2001), o significado é uma cognição subjetiva, histórica e dinâmica. É subjetiva, apresentando uma variação individual, a qual reflete a história pessoal de cada um. É social, por que reflete as condições históricas da sociedade na qual está inserida. Logo, a diferenciação entre os conceitos torna-se desnecessária. Compreensão essa compartilhada por Novo (2012)

Uma segunda abordagem (Barros et al, 2009) definirá o significado como uma generalização social e o sentido como acontecimento semântico particular. Essa diferenciação ficou mais evidente nas pesquisas do grupo Meaning of Work International – *MOW* (1987), Goulart (2008, 2009) e de Morin (2001, 2007). O grupo *MOW* investigou os padrões de

definição do trabalho e, ao investigar o significado do trabalho procurou temporalizar a definição social do *que é trabalho*. Esses critérios serviram de base para as pesquisas de Goulart (2009) que adaptou um inventário para o Brasil.

Estelle Morin em diálogo muito próximo com o grupo MOW, direcionou suas pesquisas não para ‘o que é trabalho’, mas para qual (is) sentido(s) essa prática pode assumir. Em 2001, a autora realizou pesquisas no Canadá sobre as dimensões dos sentidos do trabalho. Em 2007, por sua vez, a pesquisa foi adaptada à realidade brasileira.

Corroborando com as exposições acima (Borges, 2001; Novo, 2012; MOW, 1987; Goulart, 2009; Morin, 2001, 2007) e em continuidade com a discussão, acrescenta-se que Tolfo e Piccinini (2007) no emblemático artigo *Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros* fez uma revisão da literatura e apontou para as concordâncias, discordâncias e as consequências do não esclarecimento conceitual. Constatou-se na pesquisa que os conceitos de sentidos e significados são tratados muitas vezes de forma indiscriminada e tidos como sinônimos.

Em síntese, parte substancial da literatura apresenta a seguinte diferenciação: os significados são construídos coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico e social concreto. São generalizações conceituais construídas historicamente e socialmente. Os sentidos, por sua vez, são caracterizados como uma produção pessoal em função da apreensão individual dos significados coletivos, nas experiências do cotidiano. O significado aponta para os signos que uma determinada prática pode estar atrelada. O sentido se relaciona em primeira instância, com os sentimentos ou o sentir que os sujeitos atribuem às práticas sociais.

No entanto, faz-se necessário elucidar a opção na qual a respectiva pesquisa se ancora.

Simpáticos ao entendimento de Morin (2001), o sentido é um efeito, uma estrutura afetiva composta por três componentes: a significação, a orientação e a coerência. E em sintonia com essa definição, autores como Bakhtin (1997) e Vygotsky (2009) ampliam a fundamentação de um conceito de sentido.

Brait (1997) elucidando o pensamento de Bakhtin explicita que a busca da compreensão das formas de produção de sentido impeliram o pensador na direção de uma estética e de uma ética da linguagem. Assim, o conceito de linguagem que emana dos trabalhos desse pensador russo está comprometido não com uma tendência lingüística, mas com uma visão de mundo que, justamente na busca das formas de construção e instauração do sentido, resvala por uma semiótica da cultura (Brait, 1997, p.92).

Dessa forma, é no ato da enunciação que o sujeito se singulariza (Bakhtin, 1997). E conforme Brait (1997) é precisamente o tom emocional-volitivo que orienta e afirma o semântico na experiência singular. Assim, o sentido se expressa na singularidade e emotividade do discurso.

Vygotsky revela uma fina sintonia com Bakhtin. No texto *Pensamento e Palavra* (Vygotsky, 2009) o autor ao trazer à tona as discussões entre pensamento e linguagem inova ao afirmar que os significados das palavras se modificam e se desenvolvem na ontogênese. Vygotsky (2009, p.399) sustenta que os significados das palavras mudam, e seu desenvolvimento permite as conexões entre pensamento e linguagem. Esse salto qualitativo nas relações pensamento e linguagem possibilitaram ao autor forjar um conceito de sentido entendido como a soma de todos os fatos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. Desse modo, ele é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada (2009, p.

465). Essa definição, por sua vez, diferencia-se do conceito de significado, pois este seria apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso.

Dessa forma, esse redimensionamento proposto por Vygotsky (Barros; Pascual e Ximenes, 2009) resulta na possibilidade de que de a investigação psicológica passe a considerar o caráter dinâmico, complexo e instável dos processos de significação, e na compreensão que de o “sentido” se produziria nas práticas sociais, através da articulação dialética da história de constituição do mundo psicológico com a experiência atual do sujeito (Barros; Pascual e Ximenes, 2009, p.179)

A partir da contextualização e discussão acima apresentada, estabelece-se como objetivo para a presente pesquisa investigar quais os sentidos do trabalho atribuídos pelos docentes de ensino superior, a partir dos estudos realizados entre 2004 e 2014. A delimitação temporal levou em consideração a implantação do SINAES em 2004, completando, dessa forma, em 2014, 10 anos de vigência, partindo-se do pressuposto de que as modificações ocorridas no referido período, no cenário da educação superior, provocaram mudanças significativas nos contextos de produção de sentidos do trabalho docente.

2. Metodologia

O presente trabalho apresenta como questão-problema “Quais os sentidos do trabalho docente para professores de Ensino Superior no Brasil?”, caracterizando-se como pesquisa um estudo qualitativo, de natureza exploratória, por objetivar maior familiaridade com o tema explorado e descritiva no sentido de descrever como esse objeto vem sendo estudado.

Trata-se de uma revisão de literatura, que de acordo com a *American Psychological*

Association (APA, 2012) é caracterizada por análises críticas de publicações existentes na literatura sobre o tema em estudo, evidenciando e levando em consideração a evolução das pesquisas sobre essa temática. As revisões de literatura apresentam, entre outros, a definição e o esclarecimento de um determinado problema; a catalogação de estudos já existentes na literatura e o estado em que se encontra determinada área de investigação.

As revisões de literatura avaliam, de forma crítica, o material já publicado sobre o tema em estudo, com o objetivo de sumarizar avaliações dos estudos relevantes sobre determinado tema (Koller, Couto & Hohendorff, 2014)

Koller, Couto & Hohendorff, 2014 descrevem e definem as seguintes etapas no desenvolvimento de uma revisão de literatura: definição e delimitação de um tema de pesquisa (definição de uma pergunta); busca e organização de materiais para a revisão de literatura (busca, revisão e seleção dos estudos). A primeira tarefa na etapa de busca e organização dos materiais é identificar palavras-chave relacionadas ao tema em estudo (Echer, 2001). Finalizada essa etapa, de posse dos descritores, passa-se à consulta às principais bases de dados.

Vale ressaltar, que o presente artigo, conforme já mencionado, trata-se de uma revisão de literatura, para o qual, embora sejam utilizados descritores e bases de dados, o conteúdo deste tipo de artigo não exige a descrição do processo de busca pelas publicações consultadas. Essa condição é o que difere um artigo de revisão de literatura de um artigo de revisão sistemática de literatura, na qual os autores devem descrever de forma minuciosa a etapa de busca de artigos em bases de (Koller, Couto & Hohendorff, 2014).

2.1 Seleção de estudos

A seleção dos artigos para análise considerou os estudos que discutissem as seguintes temáticas: (1) sentidos do trabalho – educação superior – professor universitário; (2) significados do trabalho – educação superior – professor universitário e (3) docência – educação superior. Posteriormente, foi utilizada a técnica da análise de conteúdo, na modalidade de análise conteúdo temática, no intuito de eleger para análise apenas os estudos que atendessem ao objetivo estabelecido. De acordo com Marconi e Lakatos (2009), análise de conteúdo é uma técnica que permite a análise do conteúdo de textos contidos nos mais diversos tipos de instrumentos, tais como livros, revistas e jornais e, ainda, de documentos pessoais, como: discursos, diários, textos, etc. Essa técnica tem como resultado os produtos da ação humana, voltados para o estudo das ideias e, não, das palavras em si.

Cumpridas as etapas de pré - análise, exploração do material e tratamento dos resultados, a análise possibilitou agrupar os estudos em dois grandes eixos temáticos: a organização do trabalho docente no ensino superior e os sentidos do trabalho docente no ensino superior.

O primeiro eixo temático (organização do trabalho) foi composto por artigos que tratam dos seguintes assuntos: precarização, condições de trabalho, regime de trabalho, atividade / estrutura da atividade e alienação. O segundo (sentidos do trabalho), por sua vez, discutia aspectos relacionados aos sentimentos que os professores têm em relação ao seu trabalho, sendo considerados como critérios para o enquadramento nessa condição: adoecimento/saúde, prazer/sofrimento, reconhecimento social/organizacional, satisfação/insatisfação, motivação e sentidos e significados do trabalho docente no ensino superior.

Ao eliminar os trabalhos que se

enquadravam no primeiro eixo temático, foram analisados 25 artigos (cinco artigos de revisão narrativa, quinze pesquisas de cunho qualitativo, uma pesquisa quantitativa e quatro quantitativas), que compunham o segundo eixo temático “sentidos do trabalho docente no ensino superior”.

3. Resultados e Discussões

3.1 Histórico e evolução das pesquisas sobre sentidos do trabalho entre 2004 e 2014

São muito poucas as pesquisas que abordam os sentidos do trabalho docente no ensino superior brasileiro, no período de 2004 a 2014. Pode-se visualizar que de 2004 até 2009, praticamente, não foram realizadas pesquisas sobre o tema, apenas duas pesquisas foram encontradas nesse período: uma em 2004 e uma em 2007. Nesse período, as pesquisas estavam direcionadas à organização do trabalho docente. Já de 2010 a 2014, o número de pesquisas cresceu, significativamente, em relação ao período anterior, o que pode apontar uma tendência de aumento de pesquisas nessa área. Entre os anos de 2010 a 2014, foram onze artigos publicados, com a seguinte distribuição por ano: 2010 (3), 2011 (2), 2012 (3), 2013 (2) e 2014 (1).

Após análise do conteúdo dos artigos que compõem a presente revisão de literatura, foram identificadas as discussões sintetizadas na tabela que segue que, posteriormente, foram distribuídas nas seguintes categorias temáticas: 1) fatores que dão sentido ao trabalho docente no ensino superior; 2) fatores que tornam sem sentido o trabalho docente no ensino superior; 3) mudanças de sentidos do trabalho docente no ensino superior e 4) questões de gênero e raça associadas aos sentidos do trabalho do docente superior, apresentadas na sequência.

3.2 Categoria 1: Fatores que dão sentido ao Trabalho Docente no Ensino Superior

Para Oliveira (2007), a docência é vista como experiência produtora de aprendizagens e inovações pedagógicas. Além disso, atividade que proporciona auto-reflexão aos professores. Nesse contexto, destacou-se o Ensino superior considerado como “superior” pelos docentes e, por essa razão, almejado por esses profissionais. Expectativa em estar na sala de aula do ensino superior.

O trabalho docente pode ser uma atividade altamente enriquecedora pelo fato de produzir conhecimento sistematizado tanto para o docente, quanto para o aluno e pelo impacto social que suas atividades promovem (Garcia, Oliveira & Barros 2008). Assim, o trabalho docente superior apresenta uma dupla face, gerando, simultaneamente, satisfação e sofrimento. Como aspectos que geram satisfação, destacam-se criatividade e autonomia (Carvalho, Paes, & Leite, 2010).

De acordo com Coutinho, Magro, & Budde (2011), o “novo mundo do trabalho” do professor universitário gera, para este profissional, apesar dos fatores associados ao sofrimento, um lado de prazer oriundo de elementos como produção de conhecimento, relações afetivas e reconhecimento oferecido pelo meio acadêmico. Vale ressaltar que ao gerar prazer, o trabalho proporciona identidade, realização, reconhecimento e liberdade.

No âmbito do trabalho docente no Ensino Superior, identificou-se que os níveis de comprometimento com a carreira são elevados; escolha da docência é guiada por vocação pessoal; apego emocional à atividade docente; a natureza da instituição não altera significativamente a intensidade dos vínculos do docente com a carreira (Rowe, Bastos, & Pinho, 2011).

Santos (2012) destaca que, nos conflitos e tensões da cotidianidade do trabalho docente emergem complexos movimentos de fuga, mas também de enfrentamento e ruptura, que promovem o dissenso resgatando o compromisso social coletivo e o devido reconhecimento dos direitos fundamentais de todo e qualquer ser humano à cidadania.

O caráter intrínseco e subjetivo da docência (interação com estudantes, criatividade, autonomia, entre outros) geram sentimentos positivos em relação à docência no ensino superior (Borsoi, 2012).

As vivências de prazer são predominantes e estão relacionadas ao orgulho e à identificação com o trabalho. Como forma compensatória do sofrimento, as vivências de prazer são maximizadas e têm origem na prática docente, no contato com os colegas de trabalho e os alunos, na produção de conhecimento e no reconhecimento advindo dos pares e da comunidade (Vilela, Garcia, & Vieira, 2013).

O índice de qualidade de vida dos docentes foi enquadrado por Koetz, Rempel, & Périco (2013) como bom, sendo que os significados em torno da profissão se estruturam principalmente no reconhecimento social. Ser professor está relacionado a participar da independência das pessoas, a torná-las mais livres, menos dependentes econômica, política e socialmente, que vai muito além do ato de ensinar.

Raitz & Silva (2014) argumentam que os sentidos atribuídos ao trabalho, entendido como construção identitária, se cruzam e se mesclam: sentidos de realização e socialização, de aprendizagem constante, da busca por novos conhecimentos que constituem o projeto de vida, o que converge para o caminho do crescimento e da autonomia. O trabalho incorpora dimensões como sociabilidade, formas solidárias de viver e interagir com o outro, agrega, enfim, uma dimensão humana. Para os autores, o trabalho

possibilita prazer se apresentar significados para além de questões meramente econômicas, possibilitando a criação humana do trabalho no sentido da “autoexpressão”.

Silva (2009) afirma que o docente reage e recria seu fazer, diante das exigências postas. Aponta a valorização da carreira profissional no ensino superior, dotada de certa hierarquia como algo que agrega sentido ao trabalho docente, pela possibilidade de, mediante a dedicação à carreira acadêmica, poder contribuir para o desenvolvimento das ciências sociais e da humanidade como um todo.

Sentimentos que agregam prazer ao trabalho docente, entendidos como sentimentos de bem-estar, são apreendidos através do trabalho coletivo e cooperativo, do trabalho solidário que fomenta atitudes de respeito mútuo, de tolerância, mediante relações não hierárquicas no contexto de trabalho, permeadas pela negociação constante, o que contribui para a aprendizagem em conjunto, para a troca de experiências que estimula o desenvolvimento profissional e pessoal, recuperando a autoestima e a autoimagem do professor. (Weber; Stobäus & Mosquera, 2009)

Favero & Tauchen (2013) destacam que o *Status* cultural do professor universitário em relação aos demais e do papel de pesquisador que se sobrepõe ao docente, agrega-lhe certa valorização profissional. O cumprimento de funções como horário, carga-horária, prazos, padrões de rendimento, publicações, também conferem sentido ao trabalho docente, assim como experiências acumuladas que permitem ao docente a construção de concepções que se tornam âncora para as tomadas de decisões sobre o ensino, embora nem sempre sejam desveladas e compreendidas. Há ainda um certo fetichismo da pesquisa que confere ao pesquisador-docente poder político, cultural e econômico e uma visibilidade acadêmica que o oportuniza a

participação em espaços políticos e a captação de maiores fontes de fomento e recursos materiais.

O processo motivacional do trabalho docente está relacionado a um “sentido” a partir de subjetividades e singularidades, impregnadas de valores que interferem na sua prática docente e na sua maneira de se relacionar com seus estudantes associados à autorealização a preocupação com a educação das futuras gerações, no intuito de transformar as pessoas, tornando-as pessoas melhores, também se destacada como fonte de sentido do trabalho docente. (Santos, Rodenbusch & Antunes, 2009)

Mendes, Chaves, Santos & Neto (2007) sublinham o significado do trabalho docente relacionando-o ao que os professores estabelecem entre profissão e o prazer em exercê-la, como a contribuição ao outro e à sociedade, prazer que não se restringe apenas à transmissão de conhecimento, mas ao contato com os alunos, ideia de realização da cidadania.

3.3 Categoria 2: Fatores que tornam sem sentido o Trabalho Docente no Ensino Superior

Para Rocha, & Rocha (2004), a consolidação de práticas avaliativas impactou o trabalho docente, gerando sofrimento, estresse e perda do sentido do trabalho para essa categoria profissional. Dentre os impactos, podem ser citados: individualismo e competitividade por parte dos docentes; estudantes no papel de consumidores; excesso de trabalho como sinônimo de eficiência; autonomia significando individualização das ações; rotinas pragmáticas; escassez de recursos; condições sofríveis de trabalho; desestímulo em função da falta de interesse dos alunos; trabalhos focados em rapidez, eficiência e resultados quantificáveis. Como resultado desse contexto, segregação,

precarização e adoecimento no trabalho docente; traduzidos nas ausências, no cansaço, na tensão e no tédio pela falta de sentido da ação.

Oliveira (2007) considera descrédito, ausência de valorização, desprestígio salarial pelas políticas públicas, entre outros, fatores que esvaziam de sentido, o trabalho docente superior.

As atuais demandas relativas à atividade docente na educação superior podem ocasionar uma série de adversidades aos docentes neste nível educacional. Como exemplo, podem ser mencionados os prejuízos ao lazer, às demais atividades sociais, à prática de atividade física, aos relacionamentos pessoais e familiares e dificuldade de planejar a vida; em função da docência. Além disso, podem ser citadas queixas de doenças nos sistemas digestivos; respiratórios; circulatórios e doenças neurológicas (com sintomas como: ansiedade, tensão, insônia, dor e outras) relacionadas às condições desfavoráveis a que os professores estão submetidos. A carga excessiva de atividade cognitiva e estresse geram alterações no sono, distúrbios gastrointestinais, cardiovasculares e desordens psíquicas. A dedicação exagerada à atividade docente dificulta sua integração para além dos espaços da faculdade (os docentes não conseguem se desconectar nem nas férias). O docente restringe suas atividades à vida profissional. Não consegue dosar trabalho e não trabalho. Essa situação poderia ser amenizada com os vínculos que se formam no ambiente de trabalho. No entanto, o fato de se mudarem as pessoas de um semestre para outro faz com que os vínculos se desfaçam a cada semestre. Diante de todo esse contexto, o docente considera se encontrar sozinho, sem os apoios sociais necessários, com pouco apoio institucional e mergulhado em um universo de demandas e exigências. Todos esses fatores intensificam um sentido negativo do

processo de trabalho (Garcia, Oliveira & Barros 2008).

Em relação às condições e organização do trabalho, podem ser colocadas as questões financeiras tanto do professor (exigência de maior qualificação por um lado e menores salários, por outro lado), quanto da instituição (estrutura física precária, falta de equipamentos, redução dos postos de trabalho). Essas questões também podem ser consideradas como fontes de estresse e prejuízo à qualidade de vida do docente superior (Garcia, Oliveira & Barros 2008).

Carvalho, Paes, & Leite (2010) destacam que o trabalho docente superior apresenta uma dupla face, gerando, simultaneamente, satisfação e sofrimento. Como aspectos que geram sofrimento, destacam-se obrigatoriedade e precarização.

Corral-Mulato, Bueno e Franco (2010) apresentam como aspectos que causam insatisfações ao docente do ensino superior: questões éticas, excesso de trabalho, reconhecimento e salário e poucos investimentos.

Na era da globalização e “sociedade do conhecimento”, o cenário do trabalho docente em IES sofreu significativas mudanças. Dentre elas, a produção do conhecimento ter se voltado às exigências do mercado (subordinação do público ao privado), capitalismo acadêmico se tornou realidade no âmbito dessas instituições (que deveriam se revestir de autonomia, democracia e serem reverenciadas pela sociedade) Maués, 2010.

Em função do exposto acima, houve uma reconfiguração do trabalho docente. Modificação de hábitos e rotinas dos professores, pelo fato de terem que passar a serem empreendedores, tendo que captar recursos para o financiamento de suas pesquisas. Os professores assumem uma racionalidade técnica por questões de sobrevivência material e acadêmica.

Todos os aspectos acima mencionados (Maués, 2010), criaram um novo modo de relacionamento entre os professores: desconfianças entre os pares; intensificação da competitividade e produção significativa de trabalhos acadêmicos infrutíferos (gerando frustrações a esses profissionais). Além disso, devem ser destacados de forma enfática problemas de saúde (física e mental), que esse quadro acarreta aos professores; falta de lazer e prejuízos à vida familiar.

Processo de precarização e alienação do trabalho docente na educação superior: múltiplas tarefas; professor passa a ser empreendedor (captação de recursos externos e internos); incompatibilidades entre formação e exigências do novo mundo universitário; sobrecarga de trabalho e suas consequências (ausência de lazer, adoecimento, etc.). Além disso, um aspecto primordial nesse processo é a contradição com que se depara o docente em relação à questão da autonomia (inerente à sua profissão) não exercida pelo fato deste estar submetido a inúmeros controles internos e externos (Lemos, 2011).

Segundo Coutinho, Magro, & Budde (2011) o “novo mundo do trabalho” do professor universitário gera, para este profissional, sofrimento pela precarização do trabalho, apesar de considerarem que há muito mais aspectos positivos neste “novo mundo”.

Às altas exigências em relação à produção acadêmica de um lado e, por outro lado, as dificuldades em relação a aspectos relacionados à pesquisa acadêmica, por parte dos alunos podem influenciar nos sentidos que os docentes da educação superior atribuem ao seu trabalho (Neuenfeldt; Schuck; Munhoz; Mittelstadt; Miorando & Rothenback, 2011).

Dentre as dificuldades acima mencionadas, pode ser citada a dificuldade de compreensão (pelas deficiências que trazem do Ensino Médio); além de preocupações de ordem

técnica (necessidade de ensinar os alunos a “escrever”) e ordem ética (plágio, que pode ter consequências no campo legal, onde surge a necessidade de inibir o uso consciente da cópia). A autonomia e a autoria são competências que os professores almejam que seus alunos detenham, mas o atual modelo de ensino não favorece.

Outro aspecto mencionado pelos autores Neuenfeldt; Schuck; Munhoz; Mittelstadt; Miorando & Rothenback, 2011 é o perfil do aluno-trabalhador que pode dificultar o envolvimento adequado dos alunos nas pesquisas.

As situações que geram sentimentos negativos para os docentes do ensino superior em relação ao seu trabalho são aquelas em que estes profissionais possuem pouco ou nenhum controle, tais como: carga de trabalho (as consequências do seu excesso); situações salariais; relações interpessoais com os colegas (em especial, competitividade entre pares); obrigatoriedade de realizar tarefas inócuas; insatisfação com o resultado final do seu trabalho; não reconhecimento social pelo esforço empreendido (Borsoi, 2012).

Para Vilela, Garcia, & Vieira (2013), as vivências de sofrimento ocorrem de forma moderada e estão relacionadas ao esgotamento, à sobrecarga de trabalho e ao estresse, além de sentimentos de indignação e desvalorização.

A profissão docente é vista por Koetz, Rempel, & Périco (2013) como uma profissão de extrema relevância social, entretanto, na contramão deste reconhecimento, o docente subestima suas necessidades de saúde e pode iniciar um processo de adoecimento. Quanto maior a carga horária, menor o índice de qualidade de vida no domínio social que é obtido através das relações sociais com colegas, vida sexual e o apoio entre os colegas. Quanto mais os professores dedicam seu tempo ao trabalho menor o espaço para o lazer, maiores as preocupações em

“chegar a tempo”, em não se sentir parte do ambiente, em não pertencer ao meio.

Martins & Honório (2014) destaca o esgotamento profissional como o fator de sofrimento no trabalho mais crítico. O estudo mostrou associações positivas entre: a) sofrimento no trabalho (falta de reconhecimento e esgotamento profissional) e faixa etária e tempo no magistério; e b) sofrimento no trabalho (esgotamento profissional) e relações socioprofissionais (gestão do trabalho, comunicação e interação profissional). Elementos de precarização no trabalho foram considerados como deflagradores de sofrimento no trabalho, principalmente aqueles relacionados à autonomia, a novas formas de avaliação do ensino superior e ao relacionamento interpessoal.

Em relação às questões que tornam sem sentido o trabalho docente, Raitz & Silva (2014) apontam o estresse, a sobrecarga de trabalho, em função do desempenho de funções que vão além das competências e responsabilidades dos professores, a ampliação das horas trabalhadas em casa, sendo inexistente ou escasso o tempo livre.

Silva (2009) destaca também o ritmo acelerado de atividades impostas com vistas a resultados, o que estimula a competitividade em prol de financiamentos, a fragmentação e o isolamento profissional o que dificulta a reflexão sobre a prática bem como a compreensão do sentido do trabalho, que conduz para a perda da autonomia e da criatividade.

Weber, Stobäus & Mosquera (2009) apontam como sentimentos relacionados ao mal-estar, ou o desprazer no trabalho, o aumento das exigências no trabalho e as contradições no exercício da docência associadas à desvalorização social da educação e do trabalho docente bem como as mudanças nas relações entre professores e alunos.

Favero & Tauchen (2013) apontam que a identidade docente enfrenta os dilemas como

individualismo/colaboração; pesquisa/docência; graduação/pós-graduação, entre outros, tornando a docência uma atividade profissional complexa em virtude das transformações culturais e do surgimento de novas condições e exigências de trabalho: massificação da escolarização, novas tecnologias, programas institucionais, agregando ao trabalho sobrecarga e ignorando o essencial dos problemas científicos e pedagógicos. A competência do pesquisador-docente confunde-se com a produção contínua de resultados via pesquisa, construindo-se uma cultura competitiva que perpassa a sociedade e as instituições, cuja pressão produtivista produz um agir instrumental cada vez mais quantitativo, ancorado em uma racionalidade técnica.

Mendes, Chaves, Santos & Neto (2007) evidenciam que o mesmo objeto do prazer constitui o do desprazer, o ato de ensino, por exemplo, agrega expectativas positivas, mas também elevado sentimento de incapacidade, pela falta de condições e de incentivos institucionais. A relação prazer/desprazer perpassa também o tempo dedicado à instituição, bem como a burocratização e outra fonte de insatisfações, apontada por todos os professores, o salário.

3.4 Categoria 3: Mudanças de Sentidos do Trabalho Docente no Ensino Superior

Oliveira (2007) relata que no trabalho docente, existem, de forma muito presente, várias gerações de profissionais, convivendo num mesmo espaço. No confronto de gerações de professores, percebem-se transformações e deslocamentos de sentidos e significados. Os diferentes contextos históricos da educação superior, em especial, o grande número de modificações neste nível educacional ocorridas nos últimos anos faz com que os sentidos do trabalho para os docentes do ensino superior vão se deslocando em função do contexto histórico e

do convívio com docentes de outras gerações que trazem os sentidos do trabalho influenciados também por outros contextos históricos.

Na nova realidade universitária, são os jovens que dominam as estatísticas. Isso faz com que o docente do nível superior tenha, atualmente, que lidar com alunos que não possuem maturidade e comprometimento compatíveis com as exigências da educação superior. “Mudaram os alunos, mudaram os mestres, a vida mudou”. “Já não se fazem alunos como antigamente”. Os alunos do passado reverenciavam e respeitavam seus professores. Atualmente, a situação é completamente inversa (Fisher, 2009).

A autora menciona que, em função disso, no contexto da sala de aula, surgem sentimentos de alegria e horror; paixão e ódio em ser professor. Essas ambiguidades passaram a invadir o cotidiano, nem sempre, sendo assumidas com naturalidade.

Fisher, 2009 considera que existe um processo de interação entre o professor e aluno, onde o professor só consegue atingir seu público (aluno), quando é contagiado por este. Como o aluno não é o mesmo, isso interfere no trabalho do docente.

As metamorfoses no mundo do trabalho, com o avanço do neoliberalismo e da globalização excludente provocaram impactos negativos na docência universitária. Esta está sofrendo modificações ou está se ressignificando para cumprir as novas solicitações do Estado avaliador. Os resultados da autoavaliação institucional alteraram aspectos relativos à docência, como por exemplo: nas IES privadas, o relacionamento entre professor e aluno e, nas IES públicas, a forma de conduzir as aulas.

3.5 Categoria 4: Questões de Gênero e Raça Associadas aos Sentidos do Trabalho do Docente Superior

Crisostomo & Reigota (2010) chama atenção para o desvelar de uma história de neoracismo brasileiro. A universidade foi revelada como um universo de segregação racial. A realidade da opressão sofrida por essas mulheres negras, em suas trajetórias acadêmicas, revela o mito da democracia racial no país e revela um verdadeiro apartheid no ensino superior. Diante do sofrimento vivido, as entrevistadas apresentam em seus relatos uma espécie de mecanismo defensivo do ego - formação reativa.

De acordo com Oliveira, Garcia, Gomes, Bittar, & Pereira (2012), as mulheres professoras universitárias da área de saúde consideram que o trabalho seguido por dificuldade de planejamento da vida pessoal / familiar afeta o lazer. Além disso, consideram outros fatores de sofrimento no trabalho: presença de exaustão emocional; desvalorização profissional, baixa autoestima e ausência de resultados percebidos no trabalho desenvolvido; horas intensas de trabalho, resultando sofrimento e doença; mudanças de horários de aula, semestralmente, dificultando vida social, prática de atividades físicas e, conseqüentemente, estabilidade psicológica; excesso de trabalho extraclasse, entre outros. A pesquisa foi realizada, apenas, com mulheres, por se entender que questões de gênero influenciam nos sentidos do trabalho.

4.Considerações Finais

Além da constatação da pouca quantidade de pesquisas na área, no Brasil, no período de 2004 a 2014, observa-se que os fatores que dão sentido ao trabalho docente no Ensino Superior são, sobretudo: o fato dos docentes almejarem estar na docência superior, por entenderem que este é um nível educacional superior em relação aos demais; aspectos relacionados à criatividade e autonomia no trabalho; um prazer proveniente da produção de

conhecimento e o reconhecimento no meio acadêmico, que torna o trabalho um meio de promover a realização e reconhecimento profissional e a construção da identidade do profissional; o resgate do compromisso social coletivo frente às tensões do cotidiano do trabalho docente; fatores que estão ligados ao orgulho e à identificação com o trabalho em decorrência do contato com colegas de trabalho e com os alunos e, por fim, destaca-se o reconhecimento social por participar da construção de melhores perspectivas de vida para as pessoas.

Os fatores que tornam sem sentido o trabalho docente no Ensino Superior, identificados a partir das análises, são considerados como causadores de cansaço, tensões e tédio, dentre os quais se destacam: a maior incidência de práticas avaliativas na educação superior, que estimulam o individualismo e a competitividade entre os docentes bem como e o excesso de trabalho focados em eficiência e em resultados quantificáveis; desestímulo pelo desinteresse dos alunos; descrédito e desprestígio salarial pelas políticas públicas; sobrecarga de trabalho; a universidade como universo de segregação racial; a natureza da IES não alterar significativamente a intensidade dos vínculos com a carreira; mudanças semestrais de horário como um grande fator de sofrimento para o docente superior.

Desta forma, sugere-se a realização de uma nova pesquisa comparando os resultados obtidos neste trabalho com os resultados obtidos de experiências de pesquisas sobre os sentidos do trabalho em outros países.

5. Referências

Antunes, R. Adeus ao trabalho: Ensaio sobre as metamorfoses. 14. Ed. São Paulo: Editora Cortez. 2003.

_____. Os sentidos do trabalho. 5. Ed. Biotempo Editorial. 2009.

Bardin, L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70. 2011.

Barros ET AL. o conceito de “sentido” em vygotsky. Considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica

Bakhtin, M. Estética da criação verbal. – 2. ed. (Coleção ensino Superior) –Martins Fontes: São Paulo. 1997.

Boff, L. (2000a). *Depois de 500 anos: Que Brasil queremos?* (2ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.

Boff, L. (2000b). *Ethos mundial: Um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília, Brasil: Letraviva.

Borsoi, Isabel Cristina Ferreira. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, 15 (1), 81-100. 2012.

Brait, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. IN: Bakhtin, dialogismo e construção de sentido, p.91-101. Campinas, SP: Editora UNICAMP. 1997.

Carvalho, Simone Mendes, Paes, Graciele Oroski, & Leite, Josete Luzia. Trabalho, educação e saúde na perspectiva das concepções de enfermeiros em atividade docente. *Trabalho, Educação e Saúde*, 8(1), 123-136. 2010.

Corral-Mulato, Sabrina, Bueno, Sonia Maria Villela, & Franco, Dathiê de Mello. Docência em Enfermagem: insatisfações e indicadores

- desfavoráveis. *Acta Paulista de Enfermagem*, 23(6), 769-774. 2010.
- Coutinho, M. C.; Magro, M. L. P. D., & Budde, C. Entre o prazer e o sofrimento: um estudo sobre os sentidos do trabalho para professores universitários. *Psicologia: Teoria e Prática* (São Paulo), 13(2), 154-167. 2011.
- Crisostomo, Maria Aparecida dos Santos, & Reigota, Marcos Antonio dos Santos. Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior* (Campinas), 15(2), 93-106. 2010.
- Echer, I. C. (2001). A revisão de literatura na construção do trabalho científico. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 22, 5-20.
- Fávero, Altair Alberto & Tauchen, Gionara. Docência na educação superior: tensões e possibilidades de gestão da profissionalização. *Acta Scientiarum*. (35), 235-242. 2013.
- Fischer, Beatriz Terezinha Daudt. *Docência no ensino superior: questões e alternativas. Educação* (Porto Alegre), 32 (3), 311-315. 2009.
- Garcia, Átala Lotti; Oliveira, Elizabete Regina Araújo & Barros, Elizabete Barros de. Qualidade de vida de professores do ensino superior na área da saúde: discurso e prática cotidiana. *Cogitare Enfermagem* (Curitiba), 13 (1), 18-24. 2008.
- Goulart, Patrícia Martins. *Adaptação do questionário sobre significados do trabalho – QST – para o Brasil*. Estudos de Psicologia, 14(2), Maio-Agosto/2009, 123- 131. 2009.
- Koetz, Lydia, Rempel, Claudete, & Périco, Eduardo. Qualidade de vida de professores de Instituições de Ensino Superior Comunitárias do Rio Grande do Sul. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(4), 1019-1028. 2013.
- Lancman, S., & Sznclwar, L. I. (2004). *Chistophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Editora Fiocruz. Brasília.
- Lemos, Denise. Trabalho docente nas universidades federais: tensões e contradições. *Caderno CRH* (Salvador), 24 (spe 01), 105-120. 2011.
- Lemos, Denise Vieira da Silva. Precarização do trabalho docente nas Federais e os impactos na saúde: o professor no seu limite. *Revista entreideias*, Salvador, v. 3, n. 1, p. 95-109, jan./jun. 2014.
- José D. S. Democratização, Qualidade e Crise da Educação Superior: Faces da exclusão e limites da inclusão. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1223-1245, out.-dez. 2010. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>
- Koller, Sílvia H., Couto, Maria Clara P. de Paula, & Hohendorff, Jean Von. *Manual de Produção Científica*. Porto Alegre: Penso, 2014.
- Marsella, A. J. (1998). Toward a “global-community psychology”: Meeting the needs of a changing world. *American Psychologist*, 53(12), 1282-1291.
- MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. – 7 ed. – 2. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.
- Martins, Andréa Arnaut Vieira, & Honório, Luiz Carlos. Prazer e Sofrimento Docente em uma

Instituição de Ensino Superior Privada em Minas Gerais. *Organizações & Sociedade* (Salvador), 21 (68), 79-96. 2014.

Maués, Olgaíses. A reconfiguração do trabalho docente na educação superior. *Educar em Revista*, (spe1), 141-160. 2010.

Mendes, Luciano; Chaves, Carlos Jaelso Albanese; Santos, Maria Cecília dos & Neto, Gustavo Adolfo Mello. Da arte ao ofício: vivências de sofrimento e significado do trabalho de professor universitário. *Revista Mal-estar e Subjetividade* – Fortaleza – (02), 527-556. 2007.

Morin, Estelle M. Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 08-19. 2001.

Morin, Estelle, Tonelli, Maria José, & Pliopas, Ana Luisa Vieira. O trabalho e seus sentidos. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe), 47-56. 2007.

Neuenfeldt, Derli Juliano, Schuck, Rogério José, Munhoz, Angélica, Mittelstadt, Juliana, Miorando, Tânia Micheline, & Rothenback, Ronaldo. (2011). Iniciação à pesquisa no Ensino Superior: desafios dos docentes no ensino dos primeiros passos. *Ciência & Educação (Bauru)*, 17(2), 289-300. 2011.

Novo, Luciana Florentino et al. *O Significado do trabalho para os docentes de uma IFES: um contributo à área de gestão de pessoas*. IN: X Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria em América del Sur. Mar del Plata. 2010.

Oliveira, Elizabete Regina Araújo de, Garcia, Átala Lotti, Gomes, Maria José, Bittar, Telmo Oliveira, & Pereira, Antonio Carlos. Gênero e qualidade de vida percebida: estudo com

professores da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 741-747. 2012.

Oliveira, Valeska Fortes de. Em que espelhos andamos nos projetando? Entre representações e saberes – o professor universitário. *Revista Iberoamericana de Educación*, 43(4), 1-10. 2007.

Raitz, Tania Regina & Silva, Christie Lorenço da. Trajetórias identitárias e sentidos do trabalho docente para professores universitários. *Psicologia & Sociedade*, (26), 204-213. 2014.

Ribeiro, Elisa Antonia. (2012). As atuais políticas públicas de avaliação para a educação superior e os impactos na configuração do trabalho docente. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 17(2), 299-316.

Rocha, Marisa Lopes da, & Rocha, Décio. (2004). Produção de conhecimento, práticas mercantilistas e novos modos de subjetivação. *Psicologia & Sociedade*, 16(1), 13-36.

Rowe, Diva Ester Okazaki, Bastos, Antonio Virgílio Bittencourt, & Pinho, Ana Paula Moreno. Comprometimento e entrenchamento na carreira: um estudo de suas influências no esforço instrucional do docente do ensino superior. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(6), 973-992. 2011.

Santos, Bettina Steren; Rodenbusch, Camila de Barros & Antunes, Denise Dalpiaz. (2009). Aspectos motivacionais da profissão docente universitária. *Educação Temática Digital*, Campinas, (10), 294-312.

Santos, Sheila Daniela Medeiros dos. (2012). A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. *Educar em Revista*, (46), 229-244.

Serverino, A. J. (2008). O ensino superior brasileiro: novas configurações e velhos desafios. *Educar, Curitiba*, n. 31, p. 73–89, 2008. Editora UFPR

Silva, Maria das Graças Martins da. Trabalho docente na educação superior: trajetória histórica e marcas atuais. *Reflexão e Ação*, (17). 2009.

Tardif, Maurice. (2012). *O Trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 7 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

Tolfo, Suzana da Rosa, & Piccinini, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe), 38-46. 2007.

Vygotsky, L.S (2009). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Vilela, Elena Fátima, Garcia, Fernando Coutinho, & Vieira, Adriane. Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. *REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)*, 19(2), 517-540. 2013.

Weber, Sueli Wolff; Stobäus, Claus Dieter & Mosquera, Juan José Mouriño. O trabalho coletivo, cooperativo e solidário em educação à distância: desencadeador do bem-estar docente na educação superior. *Diálogo*, (15), 123-139. 2009